

Crise afeta mais classes A e B

As classes A e B foram as que mais perderam renda proveniente do trabalho entre outubro e dezembro do ano passado, período pós-agravamento da crise financeira. De acordo com pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre outubro e dezembro de 2008, apenas 74,9% destes indiví-

duos mantiveram suas condições econômicas, contra a marca de 80,9% que conseguiam permanecer nas classes até o mês de setembro.

A maior parte dos dissidentes – 4,41 ponto percentual – migrou para a classe C, seguido pela classe E (1,34 ponto percentual). A movimentação foi bem menos in-

tensa entre os participantes da classe C. O levantamento mostra que até setembro do ano passado, 81,6% dos indivíduos permaneceram na chamada classe média. Entre outubro e dezembro, 81,8% continuavam fazendo parte da classe C.

Já para os mais pobres do País, integrantes da classe E, o

período de crise significou melhora de condições econômicas. Entre janeiro e setembro de 2008, 60,3% das pessoas não conseguiam subir de classe. Nos três últimos meses do ano passado, no entanto, este grupo recuou para 58,54%. "Esta foi uma crise pró-pobre e contra os mais ricos", observa o responsável pela pesquisa,

Marcelo Neri. A classe C engloba domicílios com renda familiar superior a R\$ 1,115 mil. Fazem parte da classe alta (A e B) lares com renda superior R\$ 4,807 mil.

"A pesquisa não apura quais seriam os motivos para o fato da classe alta ter sentido mais os efeitos da crise", argumenta Neri.